



O êxito alcançado pela Comissão Cruls, explorando o Planalto Central do Brasil e nele demarcando uma área privilegiadíssima de 14.400 quilômetros quadrados para o novo Distrito Federal, levou o Governo do Presidente Floriano Peixoto a designar Luis Cruls para uma nova e segunda missão, qual seja a de, entre outros objetivos, escolher, na área demarcada, um sítio que oferecesse as melhores condições para localização e edificação, ali, da cidade que seria a nova Capital brasileira.

Assim, Cruls foi designado para presidir a Comissão de Estudos da Nova Capital do Brasil, a partir de junho de 1894 depois de ter presidido, de maio de 1892 a maio de 1894, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil.

Esta Comissão de Estudos da Nova Capital foi constituída, na grande maioria dos seus cargos-chave, por elementos que haviam, antes, integrado a Comissão Exploradora.

Além de indicar o melhor local para a nova Capital, cuja escolha se confirmou com a construção de Brasília, 65 anos depois, a segunda Missão Cruls identificou cientificamente observações anteriores da Comissão Exploradora do Planalto quanto à excelência do clima e das águas da região, através de pesquisas meteorológicas e hidrográficas.

A par disso, realizou vários levantamentos sobre as diversas opções de comunicação visando interligar a região da nova Capital ao litoral, por vias férreas e ferro-fluviais, e até fez um estudo do que hoje se chamaria de uma "Brasília - Belém" ferro-fluvial, utilizando parte dos leitos dos rios Araguaia e Tocantins.

É desta mesma Comissão de Estudos um laborioso levantamento topográfico de toda a área dos 14.400 quilômetros quadrados do Quadrilátero demarcado, ensejando oportunidade à elaboração do primeiro Mapa do Novo Distrito Federal, em 1895.

Os trabalhos desta Comissão de Estudos foram praticamente interrompidos com a saída de Floriano Peixoto do Governo, seja pela falta de recursos orçamentários seja pelo pouco interesse do Presidente Prudente de Moraes pelo assunto.

COMISSÃO DE ESTUDOS

A Comissão de Estudos da Nova Capital da União nasceu logo após ter Luis Cruls entregue ao Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, general Bibiano Sérgio Macedo da Fountoura Constalat, o relatório com as conclusões da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, cujas informações o Marechal Floriano definiu-as como "suficientes para guiar-se da zona, sua posição geográfica, clima, constituição geológica, riquezas naturais etc".

Assim, em nome de Floriano Peixoto, o Ministro Bibiano Fountoura aprovou instrução, em 1 de junho de 1894, criando a nova Comissão e dando-lhe a incumbência de empreender os estudos necessários para fixar o local destinado à nova Capital da União, utilizando-se da planta da zona já demarcada e aproveitando-se dos conhecimentos adquiridos durante a exploração feita no Plano Central ao longo dos anos de 1892 e 1893 e durante o primeiro semestre de 94.

Para a escolha definitiva do local da nova Capital, a Comissão deveria levar em conta, especialmente, a salubridade do clima, a qualidade das águas, sua abundância e facilidade para o abastecimento da futura Capital, a topografia e a natureza do terreno, de modo a prestar-se o melhor possível ao desenvolvimento de uma grande cidade, sob o ponto de vista de edificações e das comunicações urbanas.

Feita a escolha definitiva do local, a Comissão deveria instalar uma Estação Meteorológica para conhecimento completo dos fatores climáticos, ao mesmo tempo que proceder a um levantamento topográfico de toda a zona dos 14.400 quilômetros quadrados demarcados sob a forma de um retângulo;

A Comissão foi incumbida, ainda, de estudar a ligação, através de vias férreas e ferro-fluviais, do ponto escolhido para a nova Capital até o litoral brasileiro.

MEMBROS DA COMISSÃO

Luis Cruls formou esta Comissão de Estudos com elementos recrutados principalmente da Observatório Astronômico e de engenheiros militares, alguns dos quais seus ex-discípulos da Escola Superior de Guerra. A grande maioria participou da Comissão exploradora do Planalto Central.

A Comissão foi, então, dividida em cinco turmas, devendo cada qual atingir determinado ponto do território nacional e, de lá, se dirigir para o Quadrilátero já demarcado no Planalto Central, fazendo, ao longo do caminho até o quadrilátero, todos os reconhecimentos necessários com o fim de identificar a viabilidade da interligação daquele ponto ao local demarcado, através de vias férreas ou mistas, isto é, ou ferro-fluviais.

O astrônomo Henrique Morize, os engenheiros militares Hastilphilo de Moura, Celestino Alves Bastos e Alípio Gama, foram designados para chefiar cada turma. A quinta turma seria chefiada pelo próprio Luis Cruls.

E ficaram assim constituídas, de acordo com as chefias:

Turma Henrique Morize: engenheiro militar Antonio Cavalcanti Albuquerque geólogo Eugênio Hussak e o auxiliar técnico Guilherme Meyer.

Turma Hastilphilo de Moura: engenheiro militar João José de Campos Curado e o auxiliar técnico Luis de Sousa Barros.

Turma Celestino Alves Bastos: engenheiro militar Antonio Mariano Alves de Moraes, médico José de Araújo Bulcão e o auxiliar técnico Francisco Lopes de Sant'Ana Lima.

Turma Alípio Gama: engenheiro Paulo Freitas e Custódio Senna Braga, e o auxiliar técnico Antônio Rocha, Sant'Ana.

Turma Luis Cruls: geólogo Francisco de Paula Oliveira, engenheiro Joaquim José Firmino, botânico A. Glaziou e o capitão-mecânico Eduardo Chartier.

Posteriormente, integraram-se à Comissão de Estudos para reconhecer o projeto ferroviário Catão-Goiás, os seguintes engenheiros: James João Mellor, Colin Freitas Broad e Martins Contreiras.

Os pontos de partida para o Quadrilátero foram previamente estabelecidos para as cinco turmas: Joazeiro: Na Bahia, Sabará, Itapetecica e São João del Rei, em Minas e Uberaba, também em Minas todos pontos finais de vias férreas.

O TRABALHO DAS TURMAS

Viajando a cavalo, e até em botes pelo rio São Francisco, as cinco turmas percorreram cerca de 3 mil quilômetros para chegar até o local do Planalto, onde deveriam se encontrar na cidade de Pirenópolis.

Os itinerários percorridos por essas turmas e as observações de seus participantes ofereceram importantes subsídios quanto às possibilidades de execução de vias férreas ou fluviais de intercomunicação do local da nova Capital com outros pontos do território nacional, principalmente com o litoral.

Henrique Morize - A turma chefiada pelo astrônomo Henrique Morize fez, sem dúvida, o roteiro mais curioso, pois percorreu extenso trecho do Rio São Francisco;

Do Rio de Janeiro chegou à Bahia (Salvador) pelo mar. Da Bahia (Salvador) foi, pela E.F. Bahia, à cidade de Joazeiro, no mesmo Estado. A partir de Joazeiro a turma desceu o São Francisco, passando por Chique-Chique, Carinhanha e Januária, e penetrando pelo rio

Urucua, afluente do São Francisco. Deste rio, seguiu para Santa Luzia (Luziânia) e depois Pirenópolis a fim de se encontrar com Cruls.

Morize admite a navegabilidade do São Francisco da cidade de Joazeiro (Bahia) até São Romão, que fica a 450 quilômetros da área do futuro DF, o que corresponde ao trecho de via férrea a ser construído.

HASTIMPHILO DE MOURA - De Sabará, onde chegou pela via férrea de Minas, a turma viajou 29 dias a cavalo para chegar a Formosa a 4 de agosto de 1894, depois de acompanhar grande faixa do curso do São Francisco e atravessar o rio Paracatu. Nas regiões do São Francisco, vários membros da turma foram acometidos de febres, curados com sulfato de quinino. Várias serras foram transpostas: Canastra, Maravilha, Taboca e outras. Dezoito rios foram medidos. A principal vila por que passaram foi Sete Lagoas. O itinerário percorrido é impróprio para a via férrea.

Ante as informações de prestes na região do São Francisco e da existência de muitos desordens, alguns praças arquitetaram, no início da excursão, um plano de fuga, mas Hastimphilo de Moura o reconhecendo, conseguiu deter o pessoal em tempo hábil.

CELESTINO ALVES BASTOS - Em 42 dias de viagem, a turma empreendeu exploração desde Itapetecica, próxima a Formiga, em Minas, até Santa Luzia (Luziânia) em Goiás. Embora formada de chapadões, o trecho entre Formiga e Araxá é bastante acidentado.

Em Formiga, os praças que acompanhavam a turma tiveram mau procedimento e Celestino entregou-os à autoridade policial local, seguindo viagem sem o concurso destes. A região é próspera em criação de gado.

ALÍPIO GAMA - Usando bússola, podômetro e aneróide, Alípio Gama e sua turma fizeram o caminharmento de São João del Rei, onde chegaram pela via férrea, até Santa Luzia (Luziânia), fazendo uma parada em Paracatu. Em Paracatu e em várias outras vilas foram feitas plantas urbanas, bem como medições de vários rios, entre os quais o São Bartolomeu, que verificou-se ter capacidade para 2 bilhões de litros/dia.

As margens do rio Paracatu, Alípio Gama foi vítima de uma mordedura de cobra, sofrendo ligeira paralisia. Senna Braga também adoeceu.

Alípio Gama admite que se um dia for desviado o curso do rio S. Marcos para desaguar a três quilômetros no Paracatu, dar-se-á excelentes condições de navegabilidade a este.

Paracatu causou esplêndida impressão à turma, que achou a um "oásis" de civilização, pelo seu povo inteligente e hospitaleiro e interessado no cultivo intelectual.

Alípio Gama considera desaconselhável uma via férrea pelo itinerário levantado, por ser uma região muito acidentada. Na sua opinião, a via férrea ideal para o local do novo Distrito Federal é pelas vertentes do rio Paranaíba.

LUIS CRULS - A turma de Luis Cruls seguiu itinerário já reconhecido pelos membros da Comissão anterior, a Comissão Exploradora do Planalto Central, ou seja, o percurso Uberaba-Pirenópolis, via Morrinhos.

PONTO DE ENCONTRO - Tendo sido eleito Pirenópolis como ponto de encontro das turmas, o grupo de Cruls foi, pela facilidade do itinerário já conhecido, primeiro a chegar, seguindo-se as turmas de Celestino Alves Bastos, no dia 15 de setembro de 1894, e no dia seguinte, a turma de Hastilphilo de Moura. A turma de Alípio Gama só chegou a 27 de outubro, pelo fato de ter saído do Rio um mês depois daquelas outras turmas. E Henrique Morize que fora, com sua turma, para o Norte, Bahia, a fim de descer o Rio São Francisco e reconhecer a sua navegabilidade, só chegou a Santa Luzia (Luziânia) no final da primeira quinzena de novembro, rumando diretamente para o Acampamento de Cruls já no centro da área demarcada.

O ACAMPAMENTO

Nos primeiros dias de novembro de 1894, Luis Cruls saiu de Pirenópolis, fazendo novos reconhecimentos dentro da área retangular do novo Distrito Federal. De princípio, foi logo escolhido um local definitivo no centro do quadrilátero já demarcado para servir de Acampamento e ponto de encontro. Este, situou-se na confluência do Ribeirão Bananal e do Córrego Brejo, que depois recebeu o nome de Córrego Acampamento. O local fica, hoje, na estrada de asfalto entre o trevo do Torto e o setor de Indústrias, nas proximidades da Água Mineral, e perto do Parque Rural da Fundação Zoobotânica.

As terras tinham como proprietário o fazendeiro Francisco Alexandrino Lobo e a fazenda se chamava Bananal.

Cruls recebeu no Acampamento, a 16 de novembro, a turma de Henrique Morize e, ambos, foram a Pirenópolis manter contatos com os demais membros da Comissão para traçar os planos gerais de todos os serviços a serem executados.

No princípio de dezembro, Cruls foi convocado ao Rio para tratar de assuntos do interesse da Comissão.

É que com a saída de Floriano Peixoto da presidência da República e o ingresso de Prudente de Moraes começaram as dificuldades de verbas para a Comissão, que, neste tocante, também não vinha merecendo apoio por parte do Congresso, com raras e honrosas exceções de um ou outro congressista que lutava pela ideia, entre os quais Nogueira, Paranaíba, Lauro Muller e Urbano Gouveia.

Mesmo sem a presença de Cruls liderando os trabalhos, a Comissão de Estudos, já sob a direção interina do astrônomo Henrique Morize, seguiu de Pirenópolis na segunda quinzena de dezembro para o local do Acampamento a fim de construir os ranchos definitivos e dar início aos trabalhos de campo, principalmente aos de observação meteorológicas que deveriam ter início a primeira de janeiro do ano seguinte.

Celestino Alves Bastos e sua turma foram encarregados de montar os ranchos de palha e Morize, ajudado pelo capitão e mecânico Eduardo Chartier, procedeu à montagem do Observatório meteorológico, cuja direção dos serviços já foram confiada, em dezembro, ao engenheiro militar João José de Campos Curado.

As turmas de Cruls e de Hastilphilo de Moura foram encarregadas de montar os ranchos de palha e Morize, ajudado pelo capitão e mecânico Eduardo Chartier, procedeu à montagem do Observatório meteorológico, cuja direção dos serviços já foram confiada, em dezembro, ao engenheiro militar João José de Campos Curado.

As turmas de Cruls e de Hastilphilo de Moura foram encarregadas de montar os ranchos de palha e Morize, ajudado pelo capitão e mecânico Eduardo Chartier, procedeu à montagem do Observatório meteorológico, cuja direção dos serviços já foram confiada, em dezembro, ao engenheiro militar João José de Campos Curado.

As turmas de Cruls e de Hastilphilo de Moura foram encarregadas de montar os ranchos de palha e Morize, ajudado pelo capitão e mecânico Eduardo Chartier, procedeu à montagem do Observatório meteorológico, cuja direção dos serviços já foram confiada, em dezembro, ao engenheiro militar João José de Campos Curado.

As turmas de Cruls e de Hastilphilo de Moura foram encarregadas de montar os ranchos de palha e Morize, ajudado pelo capitão e mecânico Eduardo Chartier, procedeu à montagem do Observatório meteorológico, cuja direção dos serviços já foram confiada, em dezembro, ao engenheiro militar João José de Campos Curado.

QUADRILÁTERO EM ESTUDO



Luis Cruls
Henrique Morize



Hastilphilo de Moura



Celestino Alves Bastos



Alípio Gama

A partir do final do ano de 1894 tiveram, assim, início os estudos de levantamento topográfico de toda a área do quadrilátero de 14.400 quilômetros quadrados, trabalho este que se prolongou por todo o ano seguinte, quando infelizmente foi suspenso em virtude da falta de recursos orçamentários para o ano seguinte de 1896.

Sob a chefia interina de Morize, todos os membros da Comissão de Estudos participaram dos estafantes serviços de levantamento topográfico pelo processo

de triangulação e fixação de sinais geodésicos bem como o estudo das águas dos rios e as condições climáticas da região, envolvendo os principais fatores meteorológicos, entre os quais temperatura, umidade do ar, ventos, chuvas etc.

Nos caminharmentos feitos dentro da área retangular do DF, a Comissão de Estudos percorreu, a cavalo e a pé, cerca de 2.000 quilômetros nesta missão, o que se junta a mais 1.000 quilômetros, aproximadamente, que foram percorridos, na mesma

área, ao tempo da Comissão Exploradora do Planalto Central.

AS ÁGUAS

Confirmando observações anteriores da Comissão Exploradora, a Comissão de Estudos da Nova Capital constatou não só a grande abundância d'água, como também, e em especial, o bom grau de pureza dessas águas, notadamente na região Centro-Sul do Quadrilátero.

Em todos os caminharmentos, quer no Quadrilátero quer nas suas regiões limítrofes ou mesmo por onde passavam os membros da Comissão, foram levantados os volumes das águas e, em particular, o seu grau de pureza ou salinidade, o grau hidrométrico.

Os rios que apresentaram maior potabilidade foram o Descoberto, o Jardim, o Ponte Alta, o Gama, e o Rio das Almas, seguidos dos rios Torto Riacho Fundo, Paranaíba (Paranaíba) e, ainda, o Preto e o Bananal.

Enquanto isso, os estudos confirmaram as observações da Comissão Exploradora quanto aos rios ao norte do Quadrilátero, cujo grau de pureza das águas não os recomenda para beber: os afluentes e nascentes dos rios Verde, Maranhão e Paranaíba.

RECONHECIMENTO E NIVELAMENTO

Em tarefas de reconhecimento topográfico, de nivelamento de rios e acidentes geográficos, e de medições de rios do Quadrilátero, destacam-se desta Missão Cruls os seguintes fatos:

Cruls, em companhia de Glaziou e Antônio Alves Moraes, reconheceu os limites entre Goiás e Minas Gerais na parte leste do Quadrilátero, nas vizinhanças de Formosa.

Henrique Morize, juntando-se à turma de Cruls, levantou a planta da região do Acampamento, tendo ainda, com a sua turma, levantado pontos de latitude e declinação magnética.

Hastilphilo de Moura fez o nivelamento do Rio Torto para servir água ao Acampamento, realizando também o nivelamento dos seguintes rios: Santa Maria, Três Barras, Barriguda, Bananal e Pedras e da Cachoeira do Paranaíba (Paranaíba), registrando as curvas de nível e o volume d'água.

Celestino Alves Bastos, com Joaquim José Firmino, fez o reconhecimento do Vale do Descoberto e o nivelamento deste rio e seus afluentes.

Alípio Gama fez reconhecimentos pelos rios Corumbá e Descoberto e seus afluentes, encontrando "muita água potável" e reconheceu o Rio Maranhão e seus afluentes.

Cavalcanti de Albuquerque reconheceu os rios Ouro, Alagado e parte do Descoberto.

Francisco Paula de Oliveira e Senna Braga fizeram o reconhecimento geológico do rio São Bartolomeu. João José de Campos Curado enquanto realizava, ao longo de 1895, as observações meteorológicas, fez a medição dos rios Torto e Gama.

A NOVA CAPITAL

Os resultados das observações da segunda Missão Cruls ao Planalto oferecem subsídios valiosos ao País sobre o local escolhido para a nova Capital brasileira. Os estudos preliminares da Comissão Exploradora do Planalto foram confirmados, cientificamente, e com riqueza de detalhes, pela Comissão de Estudos da Nova Capital. Cruls, Morize, Glaziou e Campos Curado deixaram observações que são atuais até hoje, oferecendo, igualmente, algumas opções sobre quais os melhores sítios para localizar a nova Capital, entre os quais aquele que, finalmente, em 1960, serviu de berço a Brasília.



Nas linhas entre setas, os itinerários percorridos pelas cinco turmas de Cruls em busca do melhor caminho interligando o litoral à nova Capital.